



Este artigo está licenciado sob uma licença Creative Commons Atribuição 3.0 Unported.

Você tem direito de:

Compartilhar — copiar e redistribuir o material em qualquer suporte ou formato

Adaptar — remixar, transformar, e criar a partir do material para qualquer fim, mesmo que comercial.

De acordo com os termos seguintes:

Atribuição — Você deve dar o crédito apropriado, prover um link para a licença e indicar se mudanças foram feitas. Você deve fazê-lo em qualquer circunstância razoável, mas de maneira alguma que sugira ao licenciante a apoiar você ou o seu uso.

Sem restrições adicionais — Você não pode aplicar termos jurídicos ou medidas de caráter tecnológico que restrinjam legalmente outros de fazerem algo que a licença permita.



This article is licensed under a Creative Commons Attribution 3.0 Unported License.

You are free to:

Share — copy and redistribute the material in any medium or format

Adapt — remix, transform, and build upon the material for any purpose, even commercially.

Under the following terms:

Attribution — You must give appropriate credit, provide a link to the license, and indicate if changes were made. You may do so in any reasonable manner, but not in any way that suggests the licensor endorses you or your use.

No additional restrictions — You may not apply legal terms or technological measures that legally restrict others from doing anything the license permits.

MERIDIANO 47



INSTITUTO BRASILEIRO DE
RELAÇÕES INTERNACIONAIS

ISSN 1518-1219

Boletim de Análise de Conjuntura em Relações Internacionais

Nº 77
Dezembro – 2006

S U M Á R I O

- 2 | *Gerald Ford: seus herdeiros ainda no poder*
Virgílio Arraes
- 5 | *As empresas transnacionais e o papel do Estado-nação no atual contexto do comércio global*
Carlos Ribeiro Santana
- 7 | *Mercosul: uma revisão histórica e uma visão de futuro*
Paulo Roberto de Almeida
- 18 | *Democratas versus republicanos: novas coordenadas políticas para a unipolaridade*
José Ribeiro Machado Neto
- 22 | *A nacionalização do petróleo na Bolívia: ecos e reverberações*
Thiago Gehre Galvão
- Resenha
- 26 | *Economia Internacional*
Ricardo DaSilva

Gerald Ford: seus herdeiros ainda no poder

*Virgílio Arraes**

Ratificado de modo singular para a Vice-Presidência dos Estados Unidos em dezembro de 1973, em função da renúncia de Spiro Agnew em outubro – que desgastado lentamente pela sua inépcia política no relacionamento com os senadores e com o próprio Presidente Nixon, a despeito de seu entusiasmado conservadorismo ('Falcão número um', de acordo com suas próprias palavras), encontraria seu nadir ao embarçar-se por denúncia de sonegação de impostos – Gerald Ford, àquela altura em seu oitavo ano como líder do Partido Republicano na Câmara dos Deputados, não seria o nome de preferência do Presidente Richard Nixon.

Este estava mais inclinado pelo titular da Fazenda, John Connally, desde o primeiro mandato, em meados de 1971 – a 25ª Emenda, ratificada em fevereiro de 1967, permitiu ao Chefe do Poder Executivo a indicação de seu adjunto, caso vagasse o cargo. Ela havia sido desenvolvida após o assassinio do Presidente John Kennedy, em novembro de 1963.

De todo modo, Connally enxergava a Vice-Presidência como uma ocupação infecunda politicamente, não obstante o compromisso de Nixon de conceder-lhe mais relevância no dia-a-dia. No entanto, o Congresso não compartilhava do gáudio presidencial para uma eventual aprovação do nome, em face do seu descompasso partidário, modificado apenas em 1973, ao tornar-se republicano – em 1980, ele concorreria, de modo infrutífero, à pré-candidatura presidencial e conseqüentemente encerraria sua carreira política, após ter exercido por pouco mais de uma década os cargos de Comandante da Marinha, Governador do Texas e Ministro da Fazenda.

Conquanto a sua oposição inicial a Ford, Nixon acreditou que a sua experiência parlamentar poderia

ser-lhe útil diante das investigações por que passava, em função do chamado caso Watergate – em junho de 1972, a sede nacional do Partido Democrata, situada no complexo Watergate em Washington, havia sido invadida por cinco homens. Pouco depois, comprovar-se-ia que eles estavam a serviço da alta cúpula do Partido Republicano. A Presidência tentaria obstruir a apuração do escândalo. Nos oito meses como Vice-Presidente, Ford viajaria por todo o país, a fim de granjear apoio político a Nixon. Em agosto de 1974, Ford seria elevado à Presidência, graças a uma nova renúncia.

À frente do Executivo, ele se encontraria diante de um dos mais dantescos cenários de toda a política externa do país: o fracasso na Guerra do Vietnã e a falta crescente de credibilidade perante seus aliados. Nesse sentido, urgia delineasse nova tática, sendo necessária a exoneração do Secretário James Schlesinger.

Dois nomes floresceriam no mandato de Ford: Donald Rumsfeld, nomeado para a Chefia de Gabinete da Presidência e posteriormente para o Departamento de Defesa, e Richard Cheney, sucessor deste no Gabinete Presidencial, sendo o mais novo da história. Além do mais, encabeçaria a Direção-Geral da Central Intelligency Agency, George Bush, Presidente do Partido Republicano.

Curiosamente, um indicado seu para o Supremo Tribunal, John Paul Stevens, votou, em junho de 2006, no sentido de que o Executivo não tem autoridade para instituir comissões militares, haja vista que os seus procedimentos administrativos na base de Guantánamo desrespeitaram o Código da Justiça Militar dos Estados Unidos e as Convenções de Genebra.

Se fosse permitido visualizar a política externa norte-americana de modo dicotômico, Ford encaixar-

* Professor do Instituto de Relações Internacionais da Universidade de Brasília – iREL-UnB (arraes@unb.br).

se-ia na linha cosmopolita/ internacionalista, desenvolvida a partir de sua experiência na II Guerra Mundial, ao servir a Marinha no Japão, Filipinas e adjacências entre abril de 1942 a fevereiro de 1946 – de acordo com ele, a experiência havia-lhe proporcionado transformar-se de isolacionista indiferente em ardoroso internacionalista.

De volta aos Estados Unidos, ao engajar-se na disputa eleitoral de 1948 em Michigan, teria como adversário o Deputado Bartel Jonkman, cujo eleitorado de extração holandesa tradicionalmente optava pelo isolacionismo. Desta forma, isto significaria subscrever a retração dos Estados Unidos do ponto de vista geopolítico com a conseqüente negação, por exemplo, de auxílio à Europa Ocidental, conforme pretendia o Presidente Truman.

Todavia, a II Guerra Mundial e, mais tarde, a Guerra Fria alterariam a percepção de isolamento de muitos políticos como a do Senador Arthur Vandenberg – participante da Conferência do Rio de Janeiro em setembro de 1947, onde se assinou o Tratado Interamericano de Assistência Recíproca (TIAR) – que apoiaria Ford – seria a primeira vitória de uma série de 13 pleitos durante 25 anos na Câmara dos Deputados.

Seria natural, portanto, que Ford apoiasse tanto a Guerra da Coréia como a do Vietnã e defendesse para esta posições mais aguerridas como ataques maciços ao Vietnã do Norte, por exemplo, a fim de acelerar a esperada vitória. Na próxima gestão, a de Nixon, ele continuaria a ter o mesmo posicionamento, mesmo com a expansão militar americana, ao abarcar Laos e Camboja.

Como Presidente, todavia, promoveria duas medidas: a retirada das tropas do Vietnã, ocorrida de maneira desordenada, conforme demonstrariam as transmissões televisivas, a fim de proclamar o fim da participação norte-americana em abril de 1975, e a anistia aos desertores que, devido à resistência de grupos veteranos, beneficiaria apenas cerca de 1/5 dos cem mil enquadrados em tal situação.

No Oriente Médio, em função da atuação de Henry Kissinger, à frente simultaneamente do Departamento de Estado e do Conselho de Segurança

Nacional, os Estados Unidos intermediariam contatos entre Israel e países do Oriente Médio, dos quais derivaria um acordo de cessar-fogo israelo-egípcio em setembro de 1975. Em junho do mesmo ano, o Egito havia aberto novamente o canal de Suez, fechado desde 1967, quando da Guerra dos Seis Dias.

Em agosto de 1975, Estados Unidos assinariam em Helsinque a ata da Conferência para Segurança e Cooperação na Europa que teria três aspectos: segurança; economia e tecnologia; por fim, direitos humanos, considerados a parte mais importante para a diplomacia americana. Na prática, o encontro reconheceria a divisão territorial da Europa, por meio da diplomacia, ainda que Ford se mostrasse publicamente reticente a isto por causa da divisão das duas Alemanhas – mais tarde, na campanha eleitoral de 1976, ele se desgastaria, ao afirmar que não havia dominação soviética na Europa Oriental. Ao final, Ford destacaria que a temática de direitos humanos incorporar-se-ia definitivamente à política internacional.

Internamente, havia a inflação, mais de 10%, o desemprego, o índice mais alto desde a Recessão, e problemas energéticos. Para combatê-los, proporia ao Congresso baixar impostos e elevar as tarifas alfandegárias relativas à importação de insumos energéticos, a fim de estimular a economia e diminuir a dependência externa. Tanto a inflação como o desemprego diminuiriam em sua gestão.

Sua medida mais polêmica seria a de indultar Nixon de todas as acusações existentes ou vindouras no âmbito federal em setembro de 1974. Para muitos, seu destino político estaria selado – nem as duas tentativas de homicídio que sofreria um ano depois, com um intervalo de apenas 17 dias, granjearam-lhe-iam mais simpatia popular. Na disputa presidencial de 1976, Jimmy Carter, democrata, venceria o pleito. Era o fim de uma carreira, cuja ambição anterior máxima havia sido a de ocupar a Presidência da Câmara, conforme promessa a sua esposa em 1973, se os republicanos obtivessem a maioria nas eleições legislativas de 1974, o que não aconteceria. Ele nunca quisera concorrer ao governo de Michigan e desistira de tentar a vaga ao Senado quanto do falecimento de Vandenberg.

Ford é lembrado como o dirigente que promoveu a retirada vexaminosa das tropas de seu país do Vietnã, embora não tenha sido ele o responsável direto pela escalada funesta da atividade bélica na região – reservadamente, ele se oporia à II Guerra do Golfo pela ausência prévia do esgotamento de outras opções como sanções econômicas, por exemplo, em decorrência da traumática experiência do conflito vietnamita.

Curiosamente, dois de seus assessores mais próximos, Rumsfeld e Cheney, auxiliaram a reproduzir, guardadas as devidas proporções, o mesmo quadro no Iraque. Todavia, é possível que o Presidente Bush deixe para seu sucessor o laborioso encargo de repatriar o contingente militar e, deste modo, assumir perante a História a primeira grande derrota dos Estados Unidos na Nova Ordem Mundial.



O que é o IBRI

O *Instituto Brasileiro de Relações Internacionais – IBRI*, organização não-governamental com finalidades culturais e sem fins lucrativos, tem a missão de ampliar o debate acerca das relações internacionais e dos desafios da inserção do Brasil no mundo. Fundado em 1954, no Rio de Janeiro, e transferido para Brasília, em 1993, o *IBRI* desempenha, desde as suas origens, importante papel na difusão dos temas atinentes às relações internacionais e à política exterior do Brasil, incentivando a realização de estudos e pesquisas, organizando foros de discussão, promovendo atividades de formação e atualização e mantendo programa de publicações, em cujo âmbito edita a *Revista Brasileira de Política Internacional – RBPI*.

Presidente de Honra: José Carlos Brandi Aleixo

Diretor Geral: José Flávio Sombra Saraiva

Diretoria: Antônio Carlos Lessa, Antônio Jorge Ramalho da Rocha, João Paulo Peixoto, Pedro Motta Pinto Coelho.

Para conhecer as atividades do IBRI, visite a homepage em <http://www.ibri-rbpi.org.br>